

Universidade Federal de Minas Gerais – LETRAS
Oficina de Tradução: Espanhol
Prof. Rômulo Monte Alto
Aluna: Patricia Silva de Moura

Tradução do conto “Cocho a cuchara parada” (o receta para recordar a mi padre)

“Mingau quebra-colher” (ou receita para lembrar do meu pai)

Hernán Rivera Letelier

“Concreto armado” dizia meu velho. Esta comida foi o leite materno da minha infância. Sozinho o preparo em casa - minha mulher e filhos foram passear - coloco quatro colheradas de farinha torrada, três de leite e duas de açúcar. Penso no meu pai morto, no seu silêncio bíblico, nas homéricas lutas de sua vida de mineiro, chegando das Minas de *caliche* maltratado como uma raposa do deserto. Exausto pelo cansaço, revoltado com a exploração, e ainda assim, trazia no fundo de sua alma um sorriso para cada um de nós, para cada um dos filhos que esperavam na porta da casa de *calamina*. “Comeram mingau, meus danadinhos?”, perguntava com carinho, roçando a barba mal feita em nossas caras enquanto nos beijava. Nos seus olhos cor de areia, apagados pelo cansaço, estremecia o horizonte coroadado pela dura aridez das colinas sem vida.

Enquanto misturo os ingredientes (lembro que sua caneca tinha a palavra Felicidade escrita em letras redondas, presente da minha mãe no dia do Santo Agostinho), vejo meu velho no quintal, lavando por partes seu corpo em uma grande pia de louça – esfregando seu cabelo com quilaia e os pés com pedra sabão - e depois, já limpo e cerimonioso como um padre, ia sentar com a gente em uma mesona que mais parecia um barco. Enquanto coloco a água recém fervida, toca uma antiga canção mexicana na minha solitária casa. Imagino meu velho levantando de madrugada para partir a lenha e acender o barulhento fogão a lenha, onde fervia a água para o café da manhã (no inverso também tinha que partir a água com machado). Vejo o entusiasmo e cuidado em seus rituais sagrados, preparando uma boa porção da sua suculenta mistura (“puro concreto armado, filho”), que o animava a partir, outra vez, para a colina, que lhe dava brios para começar uma nova jornada no sol escaldante, renovando suas forças para seguir

trititando sem parar as pedras de *caliche*, grandes como casas e duras como o próprio coração do deserto do Atacama, até o dia do “Juízo final”. Depois de colocar a água já quente sobre a cheirosa mistura dos ingredientes, começo a mexer lenta e metodicamente (tem que mexer até deixar uma mistura dourada e espessa como o sol, tão espessa que a colher quase quebre - daí o nome “mingau quebra-colher”). Em pé na cozinha, com a xícara na mão, mexo já com água na boca, ansioso para experimentar meu mingau quentinho, penso (e sorrio com ternura enquanto penso) se não seria este alimento tão simples – farinha, leite, açúcar e água - o que teria dado a meu velho, forças para suportar quarenta anos de árduos trabalhos, o que deu o empurrão e o ânimo necessários para amar e sustentar a três esposas durante sua vida, e, como si não fosse pouco, para suportar com paciência de Jó a algazarra de uma penca de filhos descalços e inquietos, cujo jogo favorito era perseguir redemoinhos de areia - como se fossem sonhos verticais - pela imensidão do deserto mais arredio do mundo.

Comentário:

Considero que esta experiência foi marcada por dúvidas e questionamentos, em muitos momentos, fiquei diante do computador pensando em possíveis soluções. Por isso, comentarei alguns dos problemas que tive durante a tradução e as soluções que encontrei.

1º. Problema – Tradução do título do conto.

a) Deveria manter a palavra *Cocho* ou deveria traduzi-la e neste caso, que palavra usar? Compreendo que o título é o primeiro contato que o leitor tem com o texto, é a partir deste que o leitor será convidado a fazer hipóteses e ler as linhas seguintes. Por esse motivo, decidi que seria importante buscar palavras que refletissem a idéia do original. Manter a palavra *Cocho* impossibilitaria ao leitor a compreensão do tipo de alimento mencionado. Após algumas pesquisas, verifiquei que *Cocho* é um termo usado no Norte do Chile e que se refere à Ulpo que é uma pasta formada pela mistura da farinha torrada com água quente ou leite e adoçado com açúcar. Pensando nos ingredientes e na realidade da família retratada no conto, pensei que mingau seria o termo mais adequado. Primeiro porque também é um alimento simples, que pode ser feito de maisena, farinha, etc, os seus ingredientes são muito parecidos aos do *Cocho*. Segundo por ser consumido por famílias de classes sociais mais baixas.

b) Como traduzir “a colher parada”? De acordo com a explicação do narrador, o nome dado ao alimento era uma referência a sua consistência, à impossibilidade de colher mover quando o “mingau” estivesse pronto. Traduzir “Mingau para colher” não me pareceu uma boa opção. Lendo e relendo o conto, lembrei do doce “quebra-queixo”, que também é algo popular, e pensei “por que não fazer um jogo de palavras com quebra e colher, algo que fizesse referência a consistência do “quebra-queixo”, mas mantendo a idéia relacionada a colher? Não sei se “Mingau quebra-colher” foi a melhor opção, mas acredito que quando um alimento é característico de uma família, tem algo que somente ela possui, é permitido a criação de um nome, mesmo que este para alguns soe um pouco estranho.

2º. Problema – Tradução dos termos *Mazamorra*, *Calichera* e *Calamina*.

Mazamorra é um doce popular de vários países latino americanos e que na história está relacionado ao resultado final do que foi feito pelo narrador, deixar o termo original, poderia dificultar um pouco a compreensão do leitor, além disso, não encontrei nenhuma indicação de que o leitor brasileiro poderia fazer uma imagem mental desse termo. Entendi que *Mazamorra* foi usado para fazer referência a resultado do alimento, pois fala de sua cor e consistência, decidi usar o termo mistura, para não repetir a palavra mingau, uma vez que no próprio original não é usado neste momento *cocho* e também porque as cozinheiras podem usar o termo mistura quando estão dando explicações sobre como devem ser a consistência e aparência final do alimento.

Ao buscar informações sobre o que seria *Calichera*, encontrei que se referia às jazidas de *caliche* (substância arenosa abundante no deserto do Atacama. Que contém nitrato de sódio e outras substâncias). Primeiro, havia pensado em manter “Jazidas de nitrato de sódio”. Depois pensei que sendo algo que faz referência ao Atacama, talvez, fosse interessante não traduzir Caliche. No lugar de “Jazidas” decidi usar “Minas”. Pois além de ser uma clara referência a palavra “mineiro”, também permitiria ao leitor uma visualização do ambiente de trabalho do pai do narrador). Já para *Calamina* não encontrei uma palavra adequada, e por isso decide manter como estava no original. Os termos *caliche* e *calamina* dessa maneira seriam uma referência direta a cultura chilena.

3º. Problema – A tradução de algumas frases. Neste momento pensava no conselho de José Martí, sobre a questão do texto parecer haver sido escrito na L2, e no que menciona Humberto Eco, ou seja, na intenção do texto e na interpretação e negociação que o

tradutor faz com o mesmo. Por exemplo, na frase “preguntaba con ternura, besándonos a todos de uno en uno y clavándonos en la cara las púas de su barba agreste”, como traduzir a parte sublinhada? “Cravando nos na cara os tocos de sua barba agreste?” isso não parece português, nesse momento, foi necessário pensar em algo que remetesse a intenção do texto, mas que realmente parecesse que o texto havia sido escrito em português, a solução que encontrei foi reescrever a frase “perguntava com carinho, roçando a barba mal feita em nossas caras enquanto nos beijava”. Já na frase “en sus ojos color arena, desvaídos por el cansancio, temblaba la redondela del horizonte coronada por la aridez criminal de los cerros pelados”, existiam duas questões, a primeira relacionada a cor de areia, um termo não muito usado, e talvez por isso seria interessante dizer cor de mel, porém as palavras usadas no texto fazem referência ao deserto e a palavra mel não estabelece essa conexão. Já a segunda parte sublinhada é mais complexa e enigmática, sua interpretação não é algo fácil, ela deixa perguntas e possibilidades de interpretação, convidam a reflexão, existe uma intencionalidade nessas palavras. Então como traduzi-las? Que palavras seriam adequadas para refletir sua intencionalidade e intensidade? A única solução que encontrei foi dizer “estremecia o horizonte coroado pela dura aridez das colinas sem vida”, com isso, tentei manter esse ar poético e reflexivo presentes no original. O mesmo acontece com a frase “(...) por las blancuras infinitas del desierto más huraño del mundo.” Talvez exista a intenção de personificar o deserto, atribuindo-lhe qualidades, como se fosse alguém muito próximo, outra vez, existe um jogo com as palavras e seus significados, não está falando simplesmente do tamanho do deserto, más da sensação que provoca naqueles que o conhecem. Ao dizer *blancuras infinitas*, acredito que faz referência a imensidão do deserto e como as pessoas são pequenas diante dele, dizer “imensidão branca do deserto” não me pareceu algo possível em português, mas “imensidão do deserto”, dá essa idéia da pequenez humana. Já *huraño*, é um adjetivo que personifica o deserto, o texto imprime um caráter pessoal, remetendo a idéia que o narrador tem a respeito do deserto. Que palavra seria mais adequada para exprimir a idéia de alguém de “foge e se esconde das pessoas”? Hostil poderia ser uma solução, mas optei por *arredio*, justamente por esta idéia de alguém que tenta evitar o contato com outras, geralmente são pessoas *arredias*, e por isso minha escolha. Finalmente, a frase “mientras, de pie en la cocina, con la taza en la mano, revuelvo sin aguantar las ganas de probar el primer bocado humeante de mi cocho solitario”. Considero que esta a frase mais difícil do texto para mim. Como expressar a imagem de uma mistura que ainda está quente, existe a

referencia clara do vapor que indica sua temperatura e também dizer que é um alimento solitário? Não conseguir encontrar ver nenhuma possibilidade para a palavra solitário, e por isso, como disse Humberto Eco, decidi negociar com o texto, tirar a palavra e tentar manter a idéia de algo quente e especial, na tradução não existe a idéia da solidão, mas uma referencia carinhosa a iguaria, o que justificaria a vontade de experimentá-lo. Talvez não tenha sido tão fiel ao texto, mas preferi dizer algo que faria sentido para o leitor, algo relacionado com memórias e sabores da infância. Pensando nisso, decidi usar o possessivo “meu” sua função seria intensificar a idéia de algo especial e único, que neste caso seria o mingau, essa foi a solução que encontrei para não usar a palavra solitário. A frase ficou da seguinte maneira “Em pé na cozinha, com a xícara na mão, mexo já com água na boca, ansioso para experimentar meu mingau quentinho”. A palavra “quentinho” também foi a solução que encontrei para “humeante”, neste caso estou trabalhando com a imagem de algo quente, que nos remete a temperatura e conseqüente ao vapor que sai da vasilha, o diminutivo foi usado para reforçar a idéia de algo especial já apresentada pelo possessivo “meu”.

Não apresentei todos os problemas que tive durante a realização deste trabalho de tradução, mas considero que estes foram os que realmente me desafiaram e que permitiram que eu pudesse realmente refletir sobre algumas das questões teóricas discutidas em sala de aula.